

CORREIO EBAOR



O correio EBAOR é um jornal que tem periodicidade mensal, onde engloba as publicações comemorativas feitas na página do facebook (facebook.com/bibliotecadeobrasrarasdaeba). Além das postagens, se necessárias ampliadas, o Correio EBAOR traz novidades na coluna de curiosidades sobre livros raros.

Nesta edição, em comemoração às diversas datas, falamos sobre encadernações luxuosas como obras de arte, encadernações brasileiras e as técnicas empregadas por diversos artistas.

Leitor, esperamos que curta esta edição e que possa embarcar nesta viagem fantástica ao mundo dos livros raros.

Equipe EBAOR

Av. Pedro Calmon, 500 - Prédio da Reitoria - 7º andar
Cidade Universitária - Ilha do Fundão. CEP:
21.941-901/ Rio de Janeiro, RJ
E-mail: obrasraras@eba.ufrj.br
Site: <http://obrasraras.eba.ufrj.br>
Chefia: Rosani Godoy

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Leher

Vice-Reitora: Denise F. L. Nascimento

Escola de Belas Artes

Diretora: Madalena Grimaldi

Vice-Diretor: Hugo Backx

Sistema de Bibliotecas e Informação

Coordenação: Paula Mello

Coordenação Acadêmica
da Memória e Patrimônio

Coordenadora: Ana Cavalcanti

Vice-coordenadora: Maria Cristina Volpi

Edição e diagramação

Alessandro Ossola

Wanessa Oliveira

Equipe

Rosani Godoy

Wanessa Oliveira

Alessandro Ossola

Sterlane Menezes

Silvio Pinto

Direção de Arte

Alessandro Ossola



Em comemoração ao dia Nacional dos profissionais da Educação, 06 de agosto, prestigiaremos aqueles que estão sempre à frente no incentivo à geração de conhecimento. Profissionais estes que, com seus projetos, tornam a biblioteca um espaço de aprendizagem. Exemplo disso são aulas, atividades e palestras ministradas no espaço da EBAOR. Como mencionado por Carpinteiro (2004, p. 18) as bibliotecas acadêmicas são espaços que visam sanar as necessidades de comunidades específicas, gerando informações para que este grupo obtenha conhecimento, motivando atualizações e produções acadêmicas.

Agradecemos a todos vocês, educadores, que possibilitam que a EBAOR cumpra com seu papel social e seja “o fio condutor entre indivíduos e o conhecimento que eles necessitam” (OLIVEIRA, 2005, p. 17).

Referências:

OLIVEIRA, M. Origens e evolução da ciência da informação. In: OLIVEIRA, M. (coord.). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 6-23.

CARPINTEIRO, C. N. C. *A Biblioteca universitária como espaço de aprendizagem e de formação do aluno pesquisador*. 2004. 159 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) - Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2004.



Fonte: Acervo EBAOR.

Para comemorar o Dia Nacional das Artes elegemos o que mais saltam aos olhos quando adentramos em nosso acervo, as encadernações artisticamente luxuosas. Verdadeiras obras de Arte!!!

O objetivo real da encadernação é servir como uma proteção ao miolo, preservando assim as informações contidas nas páginas. Concomitantemente a isto, surgiu a ideia do embelezamento das mesmas por parte da Igreja e da nobreza. Afinal, o livro sempre foi uma forma de poder e ostentação. De acordo com a história, temos alguns exemplos de encadernação:

A encadernação bizantina se deu por volta dos séculos IV a VI, onde o luxo das encadernações foi um meio de vangloriar a Palavra. Essas encadernações eram ornamentadas por ricos materiais: “as capas eram de placas de marfim ou metais como cobre e prata, enfeitadas com incrustações de pedras preciosas, pérolas, ouro maciço ou pintura em esmaltes colorido” (MARSICO, s.d.).

As encadernações medievais, também conhecidas por góticas ou monásticas, foram originárias dos antigos mosteiros. Nesta época se utilizavam a técnica de gofragem – impressão a seco, na qual as marcas deixadas nas capas de couro eram feitas por ferros aquecidos. A douração foi bastante utilizada, técnica que utilizava folhas de ouro impressas a ferro quente, deixando o acabamento mais rico e embelezado.

A obra “Fábulas de La Fontaine” que temos no acervo da EBAOR é um perfeito exemplo de como as encadernações antigas são belos exemplos de obras de arte.

Referência:

MARSICO, M. A. V. Um panorama sobre a evolução histórica da encadernação. [s.d]. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/historia_bibliotecas/panorama_evolucao_historica_encadernacao.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.



Foto: Alessandro Ossola

Entende-se por Patrimônio cultural, como algo formado não apenas pelos grandes monumentos ou edifícios, mas por tudo que representa a identidade, a cultura, a memória de um povo, diz Ribeiro (2009). Ainda salientado pela autora, o patrimônio cultural deve ser preservado para o desenvolvimento e enriquecimento cultural da nação, pois seus bens culturais contêm informações, significados, mensagens, registros da história humana. De acordo com o Decreto-Lei nº25 de 1937: “Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

Em comemoração ao dia do Patrimônio Histórico - 17 de agosto, prevalecemo-nos da nossa última publicação e continuaremos falando sobre as encadernações. Neste post retrataremos as encadernações nacionais.

No Brasil, as primeiras obras de encadernação de que se tem notícia datam do século XVI, mas eram encadernações simples destinadas à catequese dos jesuítas. Tinham influência de Portugal, que seguia o estilo artístico francês e italiano. Com a vinda de D. João VI para o país, o acervo da Biblioteca Real foi trazido para cá juntamente com a tipografia, dando origem a Imprensa Régia, que produzia os livros no Brasil. A produção gráfica se desenvolveu a partir do Segundo Reinado e no século XIX já existiam alguns encadernadores, principalmente no Rio de Janeiro,

estabelecidos em sua maioria no centro da cidade.

Referencias:

RIBEIRO, Rosina Trevisan M. Memória, preservação e restauração do patrimônio arquitetônico. In: QUEIROS, A. C. de B.; OLIVEIRA, A. J. B. de. Universidade e lugares de memória. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Fórum de Ciência e Cultura; Sistema de Bibliotecas e Informação, 2009. (Memória, documentação e pesquisa, 2).

BRASIL. Decreto-lei nº25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Brasília: [s. n.], 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: 22 set. 2013.



Fonte: Acervo EBAOR.

Dia 24 de Agosto foi dia dos Artistas. Celebramos isso com os estilos utilizados na história das encadernações. Na França, no período do Renascimento, muitas famílias cultivavam o ofício de encadernador, de geração em geração, acompanhando os estilos mais apreciados de cada período e as tendências estéticas gerais.

--Espanha

Mudéjar: Utilizava ferros aquecidos em forma de cordas retorcidas que permitiam infinitas combinações e padrões geométricos.

--Itália

Aldino: Iniciado por Aldo Manuzio que utilizava folhas estilizadas terminadas em espiral, filetes a seco, retos e curvos, entrelaçando as flores no centro e nos cantos. Foi o primeiro artista a pensar o livro como objeto de arte, criando o que hoje seria o design gráfico.

Maioli: italiano, mas mudou-se para França onde se tornou conhecido como encadernador, modificava os ferros acrescentando pontilhados no fundo e usava ferros curvos e florões com filete duplo.

--França

Grolier: francês, utilizava formas com o fundo raiado criando belíssimos efeitos.

Fanfarre: onde os principais artesões que difundiram o estilo foram Nicolas e Clovis Éve, pai e filho. Utilizavam-se de linhas curvas que representavam flores, folhas, ramos espiralados que cobriam a capa por inteiro.

Du Seuil: francês conhecido pelo gênero de

douração a mão de fino gosto, a característica de seus desenhos consiste em três filetes no contorno da capa.

Dentelle: representado pelo francês Derôme, que na qual utilizava ferros em combinação e não em repetição. Uma característica de sua decoração era a presença de pássaros com asas abertas.

Le Gascon: francês que usava um estilo luxuoso de douração com pequenos pontos e curvas.

Padeloup: encadernador real de Luis XV é atribuído a ele a repetição de desenhos. Suas características são a aplicação da flor de lis e rosas e a formação de muitos mosaicos coloridos.

--Brasil

Imperial: utilizada e difundida no Brasil no segundo reinado, era um estilo particular de encadernação brasonada e se distingue pelas armas do império dourada no centro da capa, indicando pertencer a alguma repartição pública.

Em nossa Biblioteca, temos o imenso prazer de ter alguns exemplos, como a obra Las razas humanas de Friedrich Ratzel, que possui uma encadernação no estilo francês.



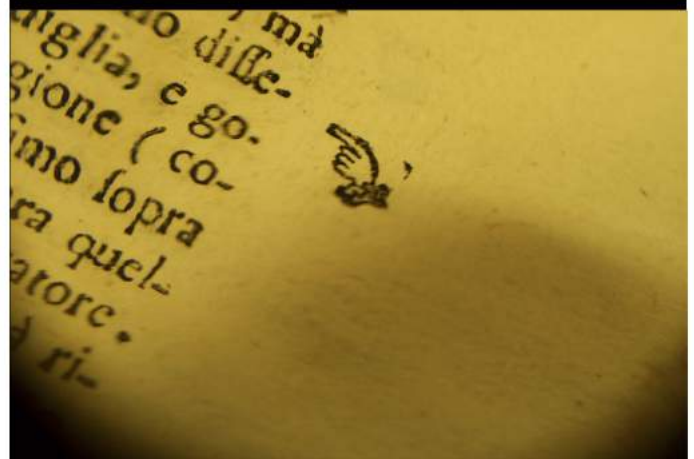
Fonte: Acervo EBAOR.

Curiosidade



MANCHETE

O indicador ou índice, é usado tradicionalmente na tipografia como remissivo ou lembrete para chamar especial atenção para lugares outros da obra em que se trate mais amplamente da matéria.

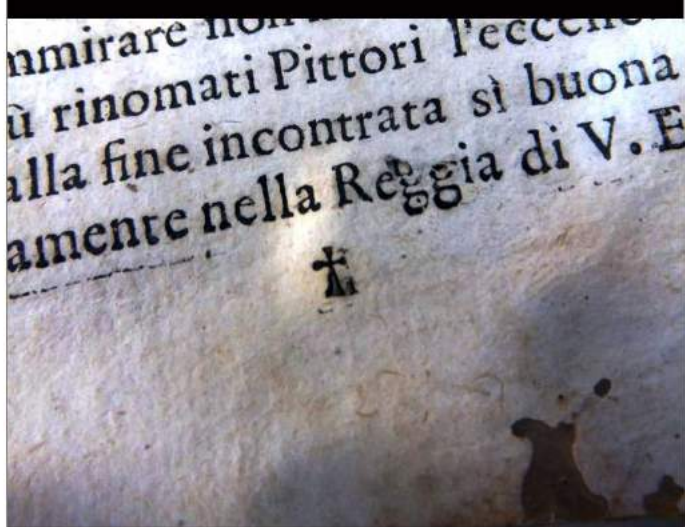


Referência

HOUAISS, Antonio. Elementos de bibliologia. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

Fotos: Alessandro Ossola

Curiosidade



CRUZ

Na tipografia, serve para remissão recíproca de notas, do texto ao rodapé, e vice-versa. Também servindo para anteceder datas de falecimento.

Referência

HOUAISS, Antonio. Elementos de bibliologia. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

Foto: Alessandro Ossola

Comemoração Especial

A AIBA foi criada em 1816, e paralelamente às suas atividades formou uma Biblioteca com um acervo de livros e gravuras valiosos e significativos. O contexto da criação da Academia nos remete ao período do século XIX, considerado decisivo para a formação da identidade cultural do País. A vinda do Príncipe Regente e da corte portuguesa em

1808 promoveu no Brasil uma grande transformação política, econômica e cultural. A história da Academia tem sua origem nas negociações entre Lebreton e o governo português no início do século XIX com a intenção de propagar a arte em território brasileiro, propôs ao referido governo a criação de uma instituição de ensino das Belas Artes no Brasil (TAUNAY, 1983 apud WANDERLEY, 2011a, p. 23).

Em 12 de agosto de 1816, por volta de cinco meses depois da chegada dos franceses, a escola idealizada pelo Conde da Barca e Joachim Lebreton recebeu coroamento oficial, através da promulgação do Decreto de 12 de agosto de 1816, que oficializava a criação da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios e fixou as pensões anuais que receberiam os respectivos professores e funcionários com a finalidade de promover e difundir o ensino de conhecimentos considerados indispensáveis para a “comodidade e civilização dos povos” (RIO DE JANEIRO, 1816 apud GODOY, 2015).

Podemos afirmar que a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios AIBA futura Academia Imperial de Belas Artes foi, desde o princípio, idealizada e formada por homens extremamente cultos que visavam facilitar o progresso da cultura e das artes.

Referências

GODOY, Rosani Parada. Processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834-1857). 2015, 189 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

WANDERLEY, Monica Cauhi. A criação da Imperial Academia e Escola das Belas Artes e o primórdio da pintura acadêmica no Brasil. 2011a. 256 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Memorial especial com os diretores da Escola de Belas Artes



1816-1819



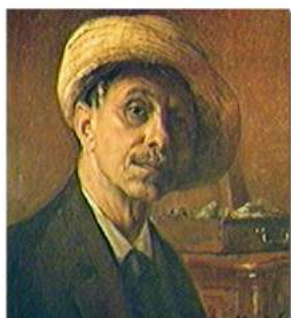
1834 -1851



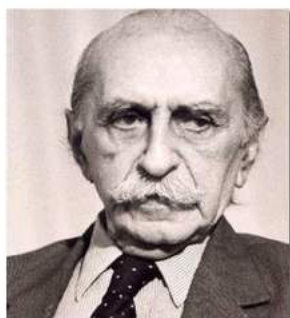
1854-1857



1889-1915



1915-1926



1930-1931



1937-1938



1938-1948



1952-1955



1955-1958



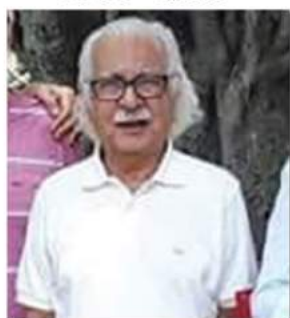
1958-1961



1961-1964



1975-1976



1976-1980



1984-1986



2002-2010



2010-2018



2018-2022

Imagens: Internet

Memorial especial com os diretores da Escola de Belas Artes

1816-1819 – Joaquim Lebreton;	1958-1961 – Gerson Pompeu Pinheiro;
1820-1834 – Henrique José da Silva;	1961-1964 – Calmon Barreto;
1834 -1851 – Felix-Emilio Taunay;	1964-1971 – Gerson Pompeu Pinheiro;
1851-1854 – Job Justino d’Alcântara;	1971-1975 – Thales Memória;
1854-1857 – Manoel de Araujo Porto-alegre;	1975-1976 – Celita Vacani;
1857-1874 – Tomás Gomes dos Santos;	1976-1980 – Almir Paredes Cunha;
1874-1888 – Antonio Nicolau Tolentino;	1980-1980 – Luiz Augusto de Proença Rosa;
1888 -1889 – Ernesto Gomes Moreira Maia;	1980-1981 – Virgilio José Athaide Pinheiro;
1889-1915 – Rodolpho Bernardelli;	1981-1982 – Paulo Pinheiro Alves;
1915-1926 – João Batista da Costa;	1982-1984 – Cordélia Eloy de Andrade Navarro;
1926-1927 – José Mariano Filho;	1984-1986 – Leonardo Visconti Cavalleiro;
1927-1930 – José Octavio Corrêa Lima;	1986-1990 – Fernando Pamplona;
1930-1931 – Lucio Costa;	1990-1994 – Leonardo Visconti Cavalleiro;
1931-1937 – Archimedes Memória;	1994-1998 – Elizabeth Amália Boshier;
1937-1938 – Lucilio de Albuquerque;	1998-2002 – Victorino de Oliveira Neto;
1938-1948 – Augusto Bracet;	2002-2010 – Angela Ancora da Luz;
1948-1952 – Flexa Ribeiro;	2010-2018 – Carlos Gonçalves Terra;
1952-1955 – Georgina de Albuquerque;	2018-2022 – Madalena Ribeiro Grimaldi.
1955-1958 – Alfredo Galvão;	